Conselhos aos Estudantes de Filosofia¹

OLAVO DE CARVALHO

1. A filosofia é aquilo que seus fundadores almejavam, não aquilo que os os sucessores fizeram dela. Só em Sócrates, Platão e Aristóteles você poderá obter uma imagem do que é filosofia.

Explicação. Não é isso o que lhe dirão os professores, mas eles mentem ou não sabem o que falam. Eles aplicam à filosofia a máxima hegeliana de que “a essência está naquilo em que a coisa se torna”, isto é, de que somente o desenvolvimento completo da coisa no tempo revela o que ela é; Hegel diz que não podemos conhecer uma árvore olhando só a semente, o que é perfeitamente certo; mas, aplicando este princípio à filosofia, Hegel, e junto com ele quase todos os professores universitários principalmente os brasileiros, crêem que a filosofia progride em relação à sua autoconsciência e à sua plena realização; logo, que somente pelo conhecimento da sua forma atual e mais recente podemos ter uma idéia certa do que ela é. Daí que o nosso ensino universitário de filosofia dê mais ênfase ao pensamento recente do que ao medieval e antigo. Mas o princípio de Hegel só pode ser aplicado a seres cujo desenvolvimento esteja predeterminado na semente como a forma da árvore está predeterminada na semente. Uma semente de maçã pode germinar ou não, a macieira pode crescer até seu último desenvolvimento ou ser cortada a meio caminho, derrubada por um raio, comida por uma praga, ou seja, pode variar na extensão e quantidade da sua auto-realização, mas não pode em hipótese alguma mudar de qualidade essencial e tornar-se, por exemplo, semente de jaboticabeira, de limoeiro, de amendoeira. Quer dizer: a natureza do seu curso está predeterminada, só o que não está predeterminado é se esse curso chegará ou não ao seu pleno desenvolvimento. O mesmo não se dá com os projetos humanos. Uma vez que você decidiu juntar dinheiro para construir uma casa, nada o obriga a seguir em frente até a consecução final do projeto; a qualquer momento você pode mudar de idéia, investir o dinheiro num negócio ou gastá-lo numa viagem; e mesmo uma vez começada a construção, você pode vender a casa inacabada e comprar, por exemplo, um carro, ou decidir torrar o dinheiro em corridas de cavalos. Um conhecido meu, tendo fundado uma companhia de construções, acabou por fazê-la render muito mais no ramo das demolições. Isso quer dizer que o desenvolvimento de um projeto humano não tem de seguir o curso determinado no início. Ele pode mudar de direção, mudar de natureza, alterar-se, transformar-se até mesmo numa negação ou numa realização totalmente alheia ao projeto inicial. Mais ainda: a realização de um desenvolvimento natural, de uma planta, por exemplo, segue o curso de causas naturais regulares (salvo intervenção humana); sua consecução não tem margem de erro maior do que o probabilismo geral da natureza e pode, portanto, uma vez conhecidas as condições, ser prevista com razoável exatidão. O mesmo não se dá com os projetos humanos, onde se introduzem as dúvidas, os erros, os acasos, o esquecimento, a volubilidade, a traição, os motivos inconscientes, as mudanças de interesses, etc. etc. etc. Logo, o estado presente da filosofia não reflete necessariamente um desenvolvimento que contenha em si as fases anteriores. Isto só seria possível na hipótese absurda de que cada filósofo atual tivesse absorvido e transcendido todas as etapas da filosofia anterior. O fato é que em qualquer etapa da História o estado da filosofia reflete não uma absorção ou uma superação, mas frequentemente um esquecimento, uma perda, que depois obriga a trabalhosas retomadas; o número de escolas filosóficas com o prefixo neo é uma prova disso: neo-escolástica, neopositivismo, neokantismo, etc. Cada um desses nomes pressupõe que algo foi perdido e tem de ser reencontrado. Ademais, a filosofia frequentemente muda de assunto: acontecem coisas novas e elas passam a constituir novos temas da filosofia, vindo de fora da filosofia. Por exemplo, o Cristianismo. Depois de Cristo os filósofos tiveram de começar a raciocinar sobre temas cristãos, que estavam totalmente ausentes da idéia originária de filosofia. Isto quer dizer que o desenvolvimento da filosofia não é um processo unitário e orgânico como o de uma árvore, mas um processo irregular, inorgânico, com enxertos estranhos e

¹ Anotação do dia 22 de dezembro de 1995 em *Seminarium - Páginas de um Diário Filosófico*, inédito.

rupturas imprevistas, e é por isto mesmo que surgem novas filosofias diferentes das anteriores — tão diferentes, às vezes, que não há como compará-las nem mesmo por oposição. Logo, o estado presente da filosofia não tem nexos de continuidade orgânica com a idéia originária da filosofia, à qual, no entanto, permanece ligado por algum tipo de referência ideal ou normativa. Portanto, é só o conhecimento do projeto originário, considerado independentemente de seus desenvolvimentos posteriores, que pode nos dar uma idéia do que é filosofia, de vez que muitos desses desenvolvimentos podem ser fortuitos e nada ter a ver com o projeto originário. O professor de filosofia que recheia as cabeças dos alunos com os debates da filosofia recente antes de lhes dar uma dose maciça de Platão e Aristóteles está lhes impedindo o acesso ao conhecimento da filosofia. Infelizmente, essa é a regra geral nas nossas escolas universitárias.

2. Você ouvirá dizer que existem “questões filosóficas eternas” a que os filósofos oferecem respostas e mais respostas sem chegar a nenhum acordo apreciável. Não acredite.

Explicação. Raramente dois filósofos trataram da mesma questão. E mesmo quando parecem estar tratando da mesma questão, como fazem por exemplo Aristóteles e Sto. Tomás, vale o princípio latino: *Duo si idem dicunt non est idem* — “Se dois dizem a mesma coisa, não é a mesma coisa”. Mais certa está Susanne K. Langer quando diz que as grandes viradas da História da Filosofia consistiram no aparecimento de novas constelações de perguntas.

3. Você também ouvirá dizer que existem pelo menos “questões filosóficas”, um conjunto de tópicos de interesse especificamente filosófico. Não acredite.

Explicação. A filosofia se interessa pelo conjunto do conhecimento humano e não por isto ou aquilo em especial. A filosofia é um determinado tratamento que se dá às questões, e não um conjunto determinado de questões.

4. Você ouvirá ainda que a filosofia busca criar uma concepção geral do universo, da vida, etc. Não acredite.

Explicação. A filosofia jamais inventou uma única concepção desse tipo. O que ela fez foi discutir, aprofundar e aperfeiçoar as concepções existentes, provenientes da religião, do senso comum, da tradição, das ideologias vigentes, etc. Inventar cosmovisões não é tarefa de filósofo.

5. Talvez você ouça dizer que a filosofia está em crise. Não acredite.

Explicação. Não existe na filosofia um *estado normal* do qual ela pudesse sair para entrar em crise. A filosofia esteve sempre em crise, ou antes ela é a crise mesma. Só aparece filosofia quando as crenças comuns foram abaladas, quando a cosmovisão entra em descrédito ou já não é mais compreendida. A filosofia entra em cena para mudar a cosmovisão ou restaurá-la, conforme o caso. O que acontece hoje é que alguns acadêmicos, a maioria deles, na verdade, particularmente no Brasil, confundem filosofia e cosmovisão, e vendo que suas cosmovisões pessoais ou grupais (marxismo, evolucionismo, cientificismo, etc.) entraram em crise, acreditam projetivamente estar vendo crise na filosofia. Um verdadeiro filósofo diria: “A cosmovisão da classe intelectual entrou em crise; logo, é hora para começar uma boa filosofia.” Ora, aqueles que falam de crise da filosofia são justamente os mais incapazes de transcender criticamente suas cosmovisões abaladas e criar uma verdadeira filosofia. Estando, por isto, *hors de la philosophie*, eles não têm autoridade para avaliar o estado dela.

6. Não julgue as filosofias antigas pelo que lhe dizem os seus professores. Julgue os seus professores pelo nível da filosofia antiga.

Explicação. 1º - Se a realização ficou melhor que o projeto, é algo que só podemos avaliar pelo projeto, e é sinal de que o projeto era melhor do que parecia no começo: longe de condená-lo, ela o exalta. Se ficou pior, então o projeto é a lei que a condena. Nos dois casos, é o antigo que

julga o novo, e não ao contrário. 2º - Morto não fala, é verdade: porém é mais fácil eles nos influenciarem do que nós a eles. O que Platão ou Aristóteles pensaram é algo que pesa sobre nós. O que pensamos deles é algo que, para eles, não fede nem cheira. Logo, mais importa saber o que eles pensariam de nós do que o que nós pensamos deles.